

26ª Reunião Brasileira de Antropologia
Porto Seguro 01 a 04 junho 2008
(GT 15)

Relatos e trajetos indígenas de Lévi-Strauss, Eduardo Galvão e Darcy Ribeiro: notas avulsas

Maristela Oliveira de Andrade¹

Introdução

Inserido em um projeto maior de investigação acerca da literatura de viagem produzida sobre o Brasil, este trabalho visa examinar e discutir os relatos de viagem ou diários de campo de três antropólogos – Lévi-Strauss, Eduardo Galvão e Darcy Ribeiro – considerando os trajetos realizados em terras indígenas, particularmente na região amazônica e nos cerrados do centro-oeste.

A seleção dos autores foi motivada por razões distintas, que merecem um breve comentário, já que as viagens empreendidas por eles a essas longínquas e isoladas áreas indígenas do Brasil ocorreram em um intervalo de tempo mais ou menos largo, que foram do final da década de 30 até início da de 70 do século passado. Tal delimitação espacial e temporal sendo insuficiente para justificar a escolha, já que outros antropólogos percorriam as mesmas terras no mesmo período.

A lista foi encabeçada por Lévi-Strauss (1908-) em razão da comemoração do seu centenário de nascimento em 2008, e pela importância assumida pelo seu celebrado diário de viagem, *Tristes Trópicos*, que tornou-se uma espécie de paradigma no gênero. Eduardo Galvão (1921-1976) aparece em seguida, motivado pela sua redescoberta através da leitura do livro recente de Orlando Sampaio Silva, *Eduardo Galvão, Índios e Caboclos*, cuja apresentação cuidadosa e apaixonante de sua trajetória intelectual no mundo indígena, revela sua importância para a etnologia indígena brasileira. O último da lista é Darcy Ribeiro (1922-1997) que em 2007 completou dez anos de sua morte, fato que ensejou a preparação de um pequeno ensaio, apresentado a um grupo de alunos e colegas do curso de Ciências Sociais da UFPB, que permaneceu incompleto pela ausência de uma nota sobre os Diários Índios.

Aliás, o propósito maior deste trabalho é de analisar a produção escrita formada pelos diários de campo e de viagem de antropólogos consagrados, em virtude de sua peculiaridade ao oferecer uma perspectiva intimista e biográfica dos autores. Por outro lado, é preciso assinalar que as viagens de campo dos citados antropólogos coincidem com os primórdios da etnografia brasileira, ainda que tenha incluído um antropólogo estrangeiro. Primórdios ligados à instalação dos primeiros cursos de formação na área das Ciências Sociais no Brasil, já que os numerosos relatos de viajantes estrangeiros naturalistas do Século XIX ocorreram em época anterior à fundação de um espaço acadêmico da antropologia brasileira. Apesar disso, é inegável que tenham produzido as primeiras observações de cunho sistemático sobre os povos indígenas das regiões visitadas na primeira fase dos estudos científicos da antropologia brasileira.

Neste sentido, aludimos ao estudo exemplar de Brumana a respeito dos primórdios da etnografia francesa na África, *Soñando con los dogon: en los orígenes de la etnografía francesa* (2005), no qual esmiuçou os documentos da Missão Dacar-Yibutí

¹ Profa. Dra. Depto. Ciências Sociais – Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA e em Ciências das Religiões – PPGCR - UFPB

no início dos anos 1930. Dada a importância e repercussão da missão pareceu-nos razoável atribuir alguma influência da mesma sobre a viagem de Lévi-Strauss, ensejando a ele a oportunidade de vivenciar uma experiência tão marcante em sua trajetória científica como pessoal, quanto as que viveriam Marcel Griaule e Michel Leiris na África.

Os diários de campo, relatos de viagem e a descrição etnográfica

Os diários de campo ou de viagem diferem do diário íntimo propriamente dito, por ter um propósito de registrar não só impressões primeiras, mas principalmente acontecimentos e fatos etnográficos para posterior sistematização e elaboração do texto etnográfico. Entretanto é preciso assinalar a permanência de elementos autobiográficos e, sobretudo, uma preocupação estilística desses diários, de modo a compor uma espécie de gênero próprio da literatura de viagem.

Entre as fontes do presente estudo, destaca-se *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss publicado em 1955, cerca de quinze anos após sua estadia no Brasil, e o menos conhecido *Diários Índios* (1996) de Darcy Ribeiro, publicação que sairia no ano que precedeu a sua morte, quase cinquenta anos depois das estadias nas comunidades indígenas. Roberto Cardoso de Oliveira refletindo acerca dos diários de campo no prólogo do seu, *Os Diários e suas Margens: viagem aos territórios Terena e Tücana*, editado seis anos após a publicação dos diários de Darcy Ribeiro, afirma que (2002 p.20): “O diário seria para ele como uma viagem em torno de si mesmo como uma sorte de autobiografia intelectual.” Tal impressão parece ainda mais significativa se considerarmos o longo intervalo de tempo entre a escrita do diário e a sua publicação.

Quanto a Eduardo Galvão, embora não tenha reunido suas anotações de campo em uma publicação única, iremos utilizar textos dispersos publicados em forma de artigos, tomando ainda como fonte o livro de Orlando Sampaio Silva que supre nossa necessidade de informações de cunho biográfico e pessoal conjugada com seu perfil intelectual. Outras fontes deverão se somar eventualmente a estas.

É inegável a aproximação existente entre este tipo de relato e o conteúdo das observações registradas nos relatos de viajantes de todos os tempos, especialmente os dos naturalistas. Neste sentido, é possível flagrar a influência desse tipo de literatura na forma de lidar com a alteridade indígena, e com as paisagens exóticas dos trópicos, literatura esta mencionada com alguma frequência nos textos que serviram de fontes ao presente estudo.

Geertz no seu livro, *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*, realizou análises a respeito dos padrões estilísticos adotados nos textos etnográficos não só como valor estético, mas como retórica, ou seja, a habilidade de tornar mais convincentes as interpretações dos textos de antropólogos clássicos. (Geertz 2005 p, 15)

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem penetrado numa outra forma de vida...

Parece-nos ainda mais pronunciada esta característica nos diários, já que suas tentativas interpretativas se encontram apenas esboçada, de modo que tornam-se mais manifestas as ambigüidades e imprecisões do autor, dando as descrições um sentido sobretudo impressionista.

Como o diário de campo constitui uma peça do projeto de construção da descrição etnográfica, ou seja, uma escrita prévia que antecede a confecção da etnografia, ambos

apresentam uma natureza comum. Neste sentido, o papel do antropólogo como autor é para Geertz (2005, p.11-12): “ir a lugares, voltar de lá com informações sobre como as pessoas vivem e tornar essas informações disponíveis à comunidade especializada, de uma forma prática, em vez de ficar vadiando por bibliotecas, refletindo sobre questões literárias.”

A escrita do diário de campo assume ainda outro papel para o antropólogo - o de legitimar seu trabalho teórico e etnográfico com a dimensão empírica e a comprovação de ter “estado lá”, como muito bem detectou Geertz. Sendo a condição de testemunha ocular, ou seja, de haver “estado lá”, um requisito necessário para conferir legitimidade científica à produção etnográfica, conforme expressa a seguir (2005 p.29):

Os etnógrafos precisam convencer-nos (...) não apenas de que eles mesmos realmente “estiveram lá”, mas ainda (...) de que, se houvéssemos estado lá, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram.

Com esta avaliação da escrita etnográfica pretendia evidenciar o poder de convencimento do autor em detrimento da objetividade da observação empírica da etnografia, discussão que tem gerado muita polêmica. Esta não será, porém, a perspectiva da análise aqui proposta, ainda que a leitura desses diários possa sugerir tais discordâncias. Daí porque Geertz define a natureza situacional do estudo etnográfico, igualmente presente no diário de campo, que submete o observador e sua experiência de campo a variações (2005 p.16): “um dado etnógrafo, em tal época e tal lugar, com tais informantes, tais compromissos e tais experiências, representantes de uma dada cultura e membro de uma certa classe...” Tantas variações e circunstâncias teriam que resultar em tantas observações e descrições quantos etnógrafos ou observadores.

Neste sentido, para compreender a escrita dos autores é imprescindível considerar o perfil de cada um em suas trajetórias pessoais e intelectuais sob a ótica da contribuição teórica para antropologia no Brasil.

Breve painel da trajetória intelectual e pessoal de Lévi-Strauss, Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão

Traçar um perfil de cada autor em suas trajetórias acadêmicas e pessoais pareceu crucial para captar elementos diferenciais nas circunstâncias e atitude de cada um na apreensão do mundo indígena. Partindo do critério temporal, constata-se que os três viveram ao longo do século XX, sendo naturalmente impregnados pelo espírito intelectual deste século. Há nos três a preocupação em obedecer aos cânones da ciência da época.

Dentre os três, Lévi-Strauss não apenas é o mais velho (100 anos) como também foi mais beneficiado pela longevidade, que permitiu produzir uma vasta obra com numerosos títulos. Galvão, tendo vivido pouco mais da metade do tempo vivido pelo francês (55 anos), já que se expôs por mais tempo às intempéries da vida na floresta, realizou ao longo da vida numerosas viagens de campo aos diferentes territórios indígenas da floresta e dos cerrados, teve naturalmente uma obra mais reduzida. A Darcy Ribeiro foi dado viver duas décadas mais que seu amigo (77 anos), apesar de ter sido acometido de câncer por duas vezes, tendo aproveitado os anos finais para uma corrida desvairada contra o tempo, para acrescentar a sua obra mais de três livros.² Para uma melhor visualização da trajetória pessoal e intelectual desses antropólogos,

² entre eles destacam-se: O Povo Brasileiro (1995), Diários Índios (1996) e Confissões (1997).

optou-se por construir um quadro para dispor algumas referências biográficas deles e assim permitir identificar não só aspectos contrastantes como experiências comuns.

Antropólogo	Origem	Formação	Vínculos Institucionais
Lévi-Strauss (1908-)	Bruxelas França	Filosofia	USP, Musée de l'Homme, EHESS, Collège de France e Academia Francesa de Ciências
Eduardo Galvão (1921-1976)	Rio de Janeiro - RJ	Etnologia e Antropologia (MN-RJ) Bacharel Geografia e História (RJ) PhD Univ. Columbia – USA	Museu Nacional, SPI, Museu Emilio Goeldi, UFPA, UnB
Darcy Ribeiro (1922-1997)	Montes Claros -MG	Antropologia (SP)	SPI, UnB, MEC, Senado Federal, etc

Quadro 1. Dados biográficos comparativos dos três autores

Lévi-Strauss iniciou sua vida acadêmica na então recém criada Universidade de São Paulo após terminar seus estudos de Filosofia na França e após a realização de sua expedição às terras indígenas, se afasta da USP e passa uma temporada nos Estados Unidos, em exílio no período da guerra, devido a sua origem judia, contando para tanto com a solidariedade de familiares instalados nos Estados Unidos. De volta à França vinculou-se ao Museu do Homem e em seguida à École Pratique des Hautes Études em Sciences Sociales – EHESS, finalmente ingressa no Collège de France onde permanece até sua aposentadoria.

Os dois antropólogos brasileiros trabalharam juntos em várias instituições como o SPI, e foram pioneiros no Museu do Índio (Rio de Janeiro), onde juntos criaram (Ribeiro 1979 p.13): “o primeiro curso de pós-graduação de antropólogos que se ministrou no Brasil e que se esgalhou depois em muitos outros.” Juntos mais uma vez trabalharam na criação da Universidade de Brasília, onde Galvão viria a ocupar o cargo de chefe de departamento de antropologia, período em que tomou a iniciativa de organizar a Suma Etnológica Brasileira, uma espécie de versão revisada e ampliada do Handbook of South American Indians. (Ribeiro 1979 p. 13)

É curioso destacar os vínculos que os três antropólogos mantiveram no início de suas carreiras acadêmicas com museus etnológicos, indicando a importância dos museus na época, como instituições de pesquisa desempenhando ao mesmo tempo o papel de guardiões de coleções etnográficas para exibição pública. Eduardo Galvão após sua iniciação na pesquisa etnográfica junto ao Museu Nacional no Rio de Janeiro, desempenhou papel destacado junto ao Museu Emílio Goeldi no Pará como Diretor.

Deve-se notar porém que se Darcy Ribeiro após uma fase dedicada aos estudos indígenas, participando também de atividades ligadas a instituição e consolidação do espaço acadêmico da antropologia, filiou-se a atividades ligadas à educação em âmbito mais amplo como a formulação e execução de projeto de criação da Universidade de Brasília. Daí em diante foi se afastando do campo indígena. Eduardo Galvão e Lévi-Strauss se mantiveram fiéis ao projeto antropológico propriamente dito, sendo que o

primeiro cumpriu todos os ritos acadêmicos tendo se doutorado em antropologia na Universidade de Colúmbia nos Estados Unidos, tendo como orientador Charles Wagley.

Após essas considerações iniciais, cabe definir um breve roteiro das reflexões suscitadas pela leitura dos diários, começando por identificar os pontos convergentes e divergentes entre as obras e os autores escolhidos, no intuito de explorar as afinidades e singularidades de cada um, advertindo desde já que não se pretende fazer um estudo sistemático, mas tão somente uma reflexão inicial com notas esparsas e descomprometidas.

Análise da escrita dos diários dos três antropólogos

Para dar conta dos aspectos convergentes ou comuns aos diários dos três antropólogos será proposto um roteiro para o estudo, com base na identificação de alguns critérios para a análise comparativa. Quatro critérios servirão de eixo para esta análise inicial: o espaço-temporal, o temático, o estilístico e o da experiência com a alteridade.

a) O Espaço-temporal: indica a realização de trajetos semelhantes através das comunidades indígenas situadas no Centro-oeste na região do Xingu e no Norte na região amazônica, o período das viagens e estadas situando-se no espaço de pouco mais de três décadas. Lévi-Strauss permaneceu no Brasil no período entre 1934 a 1938, tendo realizado suas expedições ao centro-oeste e norte do Brasil no último ano de sua estadia, afastamento que lhe custou o rompimento do contrato com a Universidade de São Paulo. Eduardo Galvão iniciou logo em seguida, suas expedições às comunidades indígenas das citadas regiões a partir de 1940 tendo se estendido até 1972, quando realizou sua última expedição. Darcy Ribeiro iniciou alguns anos depois em 1946 tendo se dedicado aos estudos indígenas até 1955, período em que esteve ligado ao SPI.

Antropólogo	Período viagem	Comunidades Indígenas	Estilo do diário	Experiência c/ alteridade	Instituição de apoio
Lévi-Strauss	1935-1936 1937-1938	Cadiueu, Bororo, Nambiquara	Literatura viagem, etnográfico	Alteridade máxima, visão do exótico	Museu Nacional ??
Eduardo Galvão	1940-1972	Tapirapé, Tenetehara, Juruna, Kaiabí, Txicão, Kamaiurá, caboclos, etc.	Etnográfico, relato científico	Alteridade moderada, visão de familiaridade	Museu Nacional, Museu Emílio Goeldi, SPI
Darcy Ribeiro	1946-1955	Cadiueu, Urubu-Kaapor	Carta, diário, etnográfico	Alteridade moderada, visão de familiaridade	SPI, Museu do Índio

Quadro 2. Síntese dos trajetos e características dos relatos dos três antropólogos

O Quadro 1 revela uma síntese das principais características dos diários dos antropólogos em estudo, com indicação do período das viagens, das comunidades alvo de descrição nos diários, do estilo adotado na escrita, do grau de alteridade revelado e finalmente as instituições de apoio das expedições de cada antropólogo. Com relação ao último tópico há imprecisão quanto à instituição que teria apoiado Lévi-Strauss, já que ele não faz menção de agradecimentos a qualquer instituição que possa ter dado algum apoio a sua expedição em todo o livro. Salvo uma breve menção no capítulo que descreve sua viagem ao Pantanal, no qual nos informa (2005 p.150): “o Museu Nacional

do Rio de Janeiro sugeria-me ir identificar um sítio arqueológico que se encontrava em meu caminho e cuja menção perpetuava-se nos arquivos sem que ninguém tivesse tido a oportunidade de cuidar do assunto.”

Aliás, merece destaque um comentário feito por Lévi-Strauss (2005 p.235) a respeito dos relatórios da Comissão Rondon, com conferências do General Cândido Mariano Rondon, relatos de viagem de Theodore Roosevelt que participou de uma das expedições e o livro “encantador do saudoso Roquete-Pinto (então Diretor do Museu Nacional) intitulado Rondônia (1912)” com descrições preliminares sobre os povos indígenas entre a região centro-oeste e norte. Por estas e outras breves alusões pode-se supor algum tipo de associação entre a expedição dele e esta instituição.

b) O Temático: permite caracterizar conteúdos que aparecem através de registros recorrentes, fundamentados em abordagens antropológicas consagradas ou que viriam a ser por eles teorizados mais tarde. Entre eles, cabe destacar em primeiro plano, os levantamentos de terminologia e de sistemas de parentesco registrados através dos clássicos diagramas pertencentes à genuína tradição dos estudos neste terreno, presentes nos diários dos três antropólogos. A utilização recorrente desta temática, tendo por efeito a legitimação do trabalho antropológico, revelando domínio na matéria, tida como eminentemente vinculada aos estudos neste campo disciplinar.

Se Lévi-Strauss construiu a partir dos levantamentos feitos uma sólida teoria publicada sob o título *As Estruturas Elementares do Parentesco*, Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão elaboraram igualmente minuciosos diagramas para caracterizar o sistema de parentesco das comunidades estudadas. Ribeiro, embora tenha anotado a terminologia do parentesco dos Urubu-Kaapor e transcrito inúmeras páginas desses diagramas em seu diário, foi o que menos ênfase deu em suas elaborações teóricas produzidas mais tarde.

Entretanto, Galvão veio a produzir um artigo dedicado a esse tema “Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Xingu”, além de fazer uso das classificações de parentesco como categoria diferenciadora dos grupos indígenas distribuídos em uma mesma área cultural. Conseguiu caracterizar sete áreas culturais principais, tendo como um dos critérios de diferenciação o sistema de parentesco, tomando como base empírica a região do Alto Xingu, assim como a área amazônica.

Vale lembrar que o conceito de área cultural de que Galvão se apropriou advém da teoria de cunho ecológico do antropólogo norte-americano Julian Steward, recebendo novo significado. Apropriação também realizada por Ribeiro, que igualmente introduziu modificações para adequá-lo ao sistema explicativo da teoria do processo civilizatório.

Outros conteúdos recorrentes nos diários dos três antropólogos referem-se à cultura material e de subsistência dos grupos estudados, especialmente Galvão que produziu estudos sobre horticultura, produção artesanal e uso de técnicas produtivas. Darcy Ribeiro descreveu processos técnicos ligados ao preparo da mandioca, as atividades de tecelagem e construção das cabanas, ilustrando amplamente com fotos. Lévi-Strauss, menos interessado nos aspectos materiais das culturas indígenas, realizou registro das pinturas corporais, de mitos e ritos indígenas, com ênfase sobre a relação cultura e natureza. A dimensão mágica e religiosa constitui outro conteúdo temático explorado nos diários e anotações etnográficas de Lévi-Strauss e Galvão.

Como fruto dessas incursões, o primeiro veio a produzir uma série de publicações sobre análise estrutural do mito, sob o título de *Mitológicas*, enquanto o segundo produziria um breve estudo sobre panema, termo indígena que designa uma crença mágica, uma espécie de noção negativa ou antitética da noção de mana. Porém seu

interesse pelo campo mágico religioso culmina com sua tese publicada sob o título Santos e Visagens que aborda a religiosidade dos caboclos amazônicos.

Darcy Ribeiro talvez seja o que procura seguir com mais atenção os manuais de etnografia, em que apresenta uma visão mais abrangente possível do cotidiano das comunidades estudadas, em suas atividades produtivas e o conhecimento das espécies vegetais cultivadas, revelando ainda as relações entre a comunidade com segmentos externos não índios. Durante epidemia de sarampo que acometeu a comunidade indígena atuou ajudando a cuidar de alguns índios, enquanto aguardava a recuperação deles para a realização de suas coletas de informações.

Quanto ao levantamento dos mitos indígenas, encontra-se ainda no diário deste último autor as primeiras narrativas a respeito do herói Maíra, que virá mais tarde inspirar sua criação literária no terreno ficcional, que lhe serviu de título.

c) O estilístico: exprime as formas adotadas pela escrita dos diários e sua aproximação ao estilo literário. Lévi-Strauss, embora repudie as obras dos viajantes, dos três é o que está inteiramente influenciado pelo estilo da literatura dos viajantes, abusando de vários dos seus ingredientes. No trecho a seguir ele expressa seu desagrado em relação a esse gênero de literatura (1996 p.15): “esse gênero de relato encontra uma aceitação que para mim continua inexplicável. A Amazônia, o Tibete e a África invadem as lojas na forma de livros de viagem, narrações de expedição e álbum de fotografias em que a preocupação com o impacto é demasiado dominante para que o leitor possa apreciar o valor do testemunho que trazem.”

Aliás, merece destaque a recorrência com que agrega ao relato sobre sua viagem ao Brasil e as comunidades indígenas, viagens que faria na década seguinte ao oriente (antes de seu retorno à França), Índia e Paquistão particularmente, fazendo lembrar a influência de relatos de viajantes europeus ao oriente. Apesar disso, o antropólogo francês insiste em denegar o valor da literatura de viagem, tida por simples divertimento, e de expressar seu desagrado diante da aventura da viagem e dos contratempos a ela associados.

E embora relegue ao inútil certos elementos acessórios da descrição da viagem propriamente dita, não consegue deixar de incorporá-los ao seu relato, como o que ele próprio classifica de “escória da memória”, a qual se pergunta se de tão pobre mereceria registro. Eis a frase que ilustra este comentário (2005 p.15): “Às cinco e meia da manhã, entrávamos na baía de Recife, enquanto pipiavam as gaivotas e uma flotilha de vendedores de frutas exóticas espremia-se ao longo do casco”. Para caracterizar ainda mais sua antipatia em relação às viagens, especialmente aos trópicos³, não podemos deixar de reproduzi-la a seguir (2005 p.75):

sinto-me ainda mais embaraçado para falar do Rio de Janeiro, que me desagrada, apesar de sua beleza celebrada tantas vezes. Como direi? Parece-me que a paisagem do rio não está a altura de suas próprias dimensões. O Pão de Açúcar, o Corcovado, todos esses pontos tão enaltecidos lembram ao viajante que penetra na baía cacos perdidos nos quatro cantos de uma boca desdentada.

Entretanto, cabe lembrar que ele menciona várias vezes no diário que lhe desgosta o mar e o litoral, preferindo as montanhas, o que explica sua aversão a eles e o burburinho dos portos, que no fundo se relaciona com seu gosto pelo isolamento que a montanha proporciona, ao qual acrescenta a floresta como seu novo sucedâneo.

³ Caetano Velozo popularizou em sua música “O Estrangeiro” a nota de desprezo do antropólogo francês Lévi-Strauss não gostou da baía de Guanabara... (transcrever parte da música que cita Lévi-Strauss)

Esta característica não exclui naturalmente, o estilo propriamente etnográfico que adota especialmente nos capítulos em que registra o encontro com as sociedades indígenas, os quais compõem apenas uma parte dos Tristes Trópicos, ou seja, quatro dos nove capítulos do livro.

Neste sentido, Galvão se distancia dos outros pela sua escrita mais alinhada com um padrão de relatório técnico-científico. Note-se como ele constrói seu relato de viagem, deixando relegada a nota de rodapé, a apresentação de caráter explicativo e introdutório do seu texto (Galvão 1979 p.17):

A presente nota constitui um resumo das observações de campo colhidas durante nossa estada de oito semanas na região do Alto Xingu. Referem-se mais particularmente aos índios Kamaiurá, do rio Culuense, em cuja aldeia residimos duas semanas, e com os quais tivemos demorado contacto no acampamento da Expedição Roncador- Xingu, para onde convergiram Auety e Trumaí. O objetivo inicial, pesquisa de termos de parentesco Kamaiurá, foi ampliado, dadas as magníficas condições de trabalho, que a região oferece.

Em análise do estilo da escrita de Galvão, Orlando Sampaio Silva confirma esta observação, em que destaca que este antropólogo não teria feito ficção, tendo privilegiado uma linguagem científica como gênero literário. Contudo, seu biógrafo atesta que (Silva 2007 p. 33):

Em muitos momentos de sua obra, sobretudo quando descreve mitos ou rituais ou mesmo acontecimentos na sociedade relacionados com cerimônias religiosas, seu estilo abandona os ditames da rigidez e frieza que caracterizaram muitos textos científicos, para celebrar a riqueza da própria língua, pelo uso de forma literária, com a qual, na espontaneidade do artista da palavra, o autor escritor exhibe sua face.

Darcy Ribeiro adota não apenas o estilo de diário propriamente dito com indicação das datas dos registros, não utilizado pelos outros dois, como também dá a sua escrita o formato de cartas, em que escreve à esposa e ao longo das suas descrições estabelece um diálogo com ela. Ele mesmo assim descreve seu estilo de diário (1996 p, 10) “Não estranhe, sobretudo, que eu me refira a você, que lê, em algumas páginas dos diários. Eles foram escritos como uma carta de amor mais longa que jamais se escreveu”.

Ao longo do diário mescla descrições etnográficas com impressões e sentimentos pessoais e íntimos, como quando relata um pesadelo ou o que se poderia chamar uma espécie de sonho erótico com uma índia, filha do seu informante, em que se sente ameaçado pelo marido dela que descreve como um “falso gigante, marido da falsa gretagarbo”. A angústia sentida resultou de ter sido desmascarado no sonho pelo pretexto de aproximar-se das mulheres para fazê-las contarem as histórias do herói Maíra. Depois do relato se desculpa à mulher, dando-se conta de que sua experiência poderia magoá-la. (1996 p.490)

Este relato que flagra um possível envolvimento com uma índia, ainda que em nível inconsciente, sugere uma aproximação com a experiência vivida por Michel Leiris, que teria se apaixonado por uma bela etíope, filha de uma informante, revelando em seu diário sua fantasia amorosa e sexual em relação a ela, se justificando paralelamente em cartas a sua esposa. Episódio este comentado por Brumana (2005 p.140-166)⁴

⁴ Para Brumana tal experiência poderia ser interpretada como uma espécie de metáfora (2005 p.166): “el episodio Emawayish (nome da nativa) quizás aya hecho que Leiris entendiese que la única autenticidad es la inautenticidad o, mejor, la representación.”

O uso das imagens é um recurso adotado pelos três antropólogos, o que define o melhor estilo etnográfico da época. Darcy Ribeiro chegou a levar um cinegrafista alemão para realizar os registros em fotografia e em filme, que denuncia sua perda na apresentação do diário pela negligência dos funcionários do Museu do Índio. Vale lembrar que a missão etnográfica francesa na África empenhou-se em produzir filmes sobre os povos africanos estudados, obtendo para tanto os melhores e mais modernos recursos tecnológicos.

Aliás, considerando os três, o conjunto das imagens reunidas, fornecem uma outra dimensão do registro etnográfico imprimindo por um lado um sentido de prova científica das descrições, e por outro dando um sentido estético. Entre as fotos invariavelmente há as que figuram os autores, que servem como reforço irrefutável da prova de ter “estado lá”, bem como reveladores de um certo prazer da aventura da viagem. A maior profusão de imagens encontra-se no diário de Darcy Ribeiro, em que registra os índios de todas as idades em atividades diversas.

d) A experiência com a alteridade: constituída como categoria metódica própria da observação antropológica pode se manifestar de forma diversa segundo o grau, de modo que ora ela pode se apresentar de forma exacerbada, ora moderada, sendo o que foi observado entre os três antropólogos. Naturalmente, o estrangeiro experimenta a forma mais exacerbada, até porque traz uma experiência de mundo bem distinta da dos antropólogos nativos.

Em diversas passagens do diário Lévi-Strauss revelou sua postura não apenas de estranhamento e de nítida alteridade diante do exotismo da cultura indígena e se mostrou um tanto compassivo em relação a ela, expressando a forte influência de Rousseau em todo seu relato a propósito da floresta e seu habitante nativo, ou a natureza e o selvagem. Esta se traduz no sentimento de nostalgia e de perda de uma humanidade prestes a desaparecer, e se expressa nitidamente quando lamenta não ter sido viajante do século XVI ao tempo de Jean de Léry e Thevet, que puderam flagrar o mundo indígena em sua pureza intacta, tendo certamente séculos depois desaparecido vários costumes. Contudo reconhece que privando-se dos conhecimentos disponíveis em sua época teria lhe escapado uma série de reflexões ajudadas por eles. E vaticina (1996 p.40):

Dentro de algumas centenas de anos, neste mesmo lugar, outro viajante, tão desesperado quanto eu, pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e me escapou. Vítima de uma dupla inaptidão, tudo o que percebo me fere, e reprovo-me em permanência não olhar o suficiente.

Porém, um episódio narrado por Lévi-Strauss permite captar sua experiência com a alteridade no contexto urbano da sociedade brasileira, em que é notória sua antipatia pelos brasileiros. O fato sucedeu quando deixava o Brasil e foi detido no Porto de Santos para prestar esclarecimentos sobre sua expedição franco-brasileira.⁵ Parte do relato foi transcrito para mostrar o tom sarcástico e um tanto malandro na versão dele do episódio, em que tentou subestimar a inteligência das autoridades brasileiras, que cumpriam determinação superior da notificação em todos os portos do Brasil quanto à saída de coleção museográfica composta por artefatos indígenas coletados na referida expedição (Lévi-Strauss 2005 p.28):

⁵ Somente nesta altura ele assim se refere à expedição, não tendo lhe ocorrido fazer no início do relato da expedição, como fez Darcy Ribeiro, por exemplo, indicando os nomes dos membros da equipe e seus patrocinadores.

(a expedição) fora submetida à regra de partilha das coleções entre os dois países. Essa partilha devia ser feita sob a fiscalização do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que logo notificara todos os portos do país, nutrindo tenebrosos desígnios, com um carregamento de arcos, flechas e cocares de penas que ultrapassasse a parte atribuída à França, deveriam a qualquer custo me agarrar.

Sua explicação é de que o Museu do Rio decidira ceder a parte brasileira a um instituto científico de São Paulo; sendo informado de que a exportação da parte francesa deveria ser feita por Santos e não pelo Rio. O fato é que ele relata que se safou no final como ato de malandragem, se poderia dizer ao estilo brasileiro, ao encontrar no Porto um funcionário admirador de Anatole France e Voltaire, cuja cena vivida ele assim anotou (2005 p.29):

abraçando-me um velhote de um povoado do interior e que até então nunca encontrara um compatriota de meus compatriotas. Assim experiente o bastante para dedicar todo o tempo necessário à demonstração de meus sentimentos de deferência com o Estado brasileiro em geral e a autoridade marítima em particular, tratei de tocar em algumas cordas sensíveis; não sem êxito, já que algumas horas passadas em suores frios (as coleções etnográficas estavam misturadas nos caixotes com a minha mobília e a minha biblioteca, pois eu partia do Brasil definitivamente ... Fui eu mesmo que ditei a meu interlocutor os termos desabridos de um relatório em que ele se atribuía a glória de, ao autorizar a minha partida e a de minhas bagagens, ter salvado o seu país de um conflito internacional e da subsequente humilhação.

Tal episódio narrado de forma divertida não esconde o tom irônico e de sarcasmo para com o povo brasileiro, além de expor situações ilícitas da apropriação contumaz dos europeus de objetos de valor artístico e histórico de países pobres de população e iletrada, conforme relatado por Brumana na expedição francesa à África.⁶

Bem diversa da atitude dos viajantes e etnólogos europeus é aquela adotada pelos viajantes e etnólogos brasileiros, que manifestam um misto de perplexidade e familiaridade diante da alteridade frente as culturas indígenas.

Eduardo Galvão, tal como nos revela Orlando Sampaio Silva teria buscado em suas incursões ao mundo indígena rastrear no processo da dinâmica cultural o nascimento do caboclo, como tipo humano resultante das múltiplas formas adaptativas do homem na floresta amazônica. Silva detecta com sensibilidade o projeto acadêmico de Galvão (2007 p.39):

Galvão surpreendeu, na origem fundadora, a gênese desse tipo humano, o caboclo no encontro do índio com o não-índio-não-caboclo (o “branco”, o “civilizado”, o “cristão”) e com o caboclo já constituído. (...) Com esses estudos sobre a gênese e a vida da sociedade cabocla, Galvão lia, no livro da sociedade originária, a própria formação da sociedade brasileira, nas áreas por ele estudadas, na Amazônia.

Darcy Ribeiro é mais explícito e enfático quando revela o propósito de suas incursões ao mundo indígena, como busca de algo essencial de nossas raízes, expressos em dois elementos, cujo reconhecimento nos é indispensável. O primeiro resulta de

⁶ Cabe lembrar aqui o episódio diplomático ocorrido com a missão francesa na África, quando autoridades etíopes impediram a saída de objetos de arte retirados de igrejas de forma ilícita para possível inclusão na coleção do museu que havia patrocinado a exposição.

nossa bagagem genética que nos liga aos antepassados indígenas, particularmente os tupinambá (1996, p.12): “Creio que umas 200 mil mulheres índias foram prenhas para gerar o primeiro milhão de brasileiros.” O segundo sendo oriundo de um saber milenar cujo foco está no conhecimento da floresta tropical e uso dos seus derivados. A assimilação de parte dele nos torna herdeiros não apenas deste saber como nos mantém índios nos corpos e nas mentes, iluminadas pelos traços dessa cultura.

Chegando ao final do seu diário de viagem a questionar se teria valido a pena sair da sua trajetória habitual, comparando-se com companheiros que construíram suas carreiras de sucesso permanecendo na Europa. (Lévi-Strauss 2005 p.356):

...eu corria os desertos perseguindo detritos de humanidade. Quem ou o que me levaria, afinal, a jogar para os ares o curso normal de minha vida? Era um estratagema, um hábil desvio destinados a me permitir a reintegração em minha carreira com vantagens suplementares e que seriam levadas em conta? Ou minha decisão expressava uma incompatibilidade profunda com o meu grupo social, do qual acontecesse o que acontecesse, eu estava fadado a viver cada vez mais isolado?

No entanto, ele próprio adianta o que ia no seu íntimo quando fez sua opção, na expectativa de conseguir mais tarde os benefícios do seu sacrifício. O que de fato se concretizou, uma vez que sua notabilidade como intelectual foi conseguida a partir da teorização levada ao mais alto grau de refinamento, graças ao material etnográfico recolhido em suas expedições ao mundo ainda isolado dos indígenas remanescentes daqueles que foram flagrados pelos primeiros viajantes europeus ao Brasil.

A postura dos antropólogos ou viajantes brasileiros aqui estudados perante a alteridade se mostra distinta da assumida por Lévi-Strauss, o que é perfeitamente explicável. É natural que os viajantes brasileiros desenvolvam uma empatia e sentimento de afinidade com os índios. Citar trecho de Darcy Ribeiro. A transformação da alteridade em familiaridade se manifesta em trechos escritos por este autor, ao referir-se particularmente ao grupo étnico tupinambá que ocupavam a costa brasileira no século XVI, cujos remanescentes guardam duas heranças cruciais para nós brasileiros contemporâneos (Ribeiro 1996, p.12):

Primeiro, seu próprio ser biológico, seus genes, que nós levamos no corpo, mantendo-os vivos como seus descendentes. Creio que umas 200 mil mulheres para gerar o primeiro milhão de brasileiros. (...) A segunda herança que temos dos índios é sua sabedoria milenar de adaptação à floresta tropical. Sem esse saber seríamos outros. O que nos singulariza como cultura é o patrimônio de nomes de coisas da natureza...

Para concluir vale a pena retomar a análise de *Tristes Trópicos*, tomando com referência a crítica feita por Geertz, para avaliar a recepção dessa obra entre membros de ambas as Américas (Norte e Sul), destacando o mal estar provocado neles norte-americanos e acrescentaria também a nós brasileiros. A crítica à civilização moderna tendo como ápice o modelo da sociedade norte-americana, se estende para uma consciência de que a dominação econômica do Ocidente industrializado provocaria o caos no Terceiro Mundo. O comentário azedo de Geertz após uma transcrição do diário relativa a promiscuidade e sujeira de uma cidade da Índia, sugere tal mal estar (2005 p.59-60):

E o crime, é claro, está em que nós é que fizemos isso, quer por cobiça e *pétulante activité*, quer por meros surtos de distração e insensibilidade – fomos nós que, como diz Lévi-Strauss em algum ponto de *Tristes Trópicos*, atiramos nossa sujeira no rosto do resto do mundo, que agora trata de atirá-la em revide no nosso.

E se Geertz não é explícito em sua crítica em relação à visão de esquerda de Lévi-Strauss sobre o poder destrutivo do capitalismo, adivinha-se sua reação nas entrelinhas. No Brasil, o meio antropológico parece ter se intimidado a uma reação tão contundente, em virtude da notoriedade e aceitação conquistada pela obra, contudo vale a pena indicar algumas impressões e registros de caráter etnocêntrico causadores de incômodo aos brasileiros. Como por exemplo, em sua caracterização da atmosfera do meio acadêmico paulista, quando não esconde um sentimento de superioridade, e se mostra tão ácido em sua crítica que acaba se desculpando aos paulistas pelas duras palavras, no próprio texto.

Para encerrar, cabe destacar que no exercício da escrita dos diários de campo ou de viagem, os antropólogos abrem um rico diálogo consigo mesmo e com o outro que resulta num aprimoramento da capacidade de apreender os códigos e significados das culturas.

Referências

- BRUMANA, Fernando G. Soñando con los dogon: en los orígenes de la etnografía francesa. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.
- GALVÃO, Eduardo. Encontro de Sociedades: Índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GEERTZ, Clifford. Obras e Vidas: o antropólogo como autor. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, C. Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- OLIVEIRA, Roberto C. de. Os Diários e suas Margens: viagem aos territórios Terena e Tüçuna (inserir restante da referência)
- RIBEIRO, Darcy. Prefácio, in: GALVÃO, E. Encontro de Sociedades: Índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 11-15
- RIBEIRO, Darcy. Diários Índios: os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, Orlando S. Eduardo Galvão, Índios e Caboclos. São Paulo: AnnaBlume, 2007.